

LUIZ EDUARDO SOARES
ANDRÉ BATISTA
RODRIGO PIMENTEL

ELITE DA TROPA

UMA GUERRA
TEM MUITAS VERSÕES

TROPA DE ELITE O FILME
ELITE DA TROPA O LIVRO

UMA GUERRA TEM
MUITAS VERSÕES

ELITE DA TROPA

LUIZ EDUARDO SOARES

ANDRÉ BATISTA

RODRIGO PIMENTEL



OBJETIVA

Prefácio

Há quem pense que as pessoas se corrompem porque ganham pouco. Raciocínio estranho. Afinal, há milhões de pobres, no Brasil: gente séria e honesta. Por outro lado, os crimes de colarinho branco multiplicam-se feito epidemia. E há o próprio caso do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, que até recentemente era um grupo pequeno e fechado, composto por 150 homens treinados para ser a melhor guerra urbana do mundo. Eles recebiam o mesmo salário de seus colegas da polícia convencional, mas eram incorruptíveis. Foram acusados de brutalidade desmedida, mas sua honestidade foi amplamente reconhecida.

Qual o antídoto para a corrupção? Na história do BOPE, a resposta foi uma só: orgulho. Orgulho pessoal e profissional. Respeito ao uniforme negro. Antes a morte que a desonra. O processo de seleção era tão difícil e doloroso, o ritual de passagem era tão difícil e doloroso, o ritual de passagem era tão dramático, que o pertencimento passou a ser o bem mais precioso.

Ser membro do BOPE, partilhar dessa identidade, converteu-se no patrimônio mais valioso. A auto-estima não tem preço. Portanto, não se negocia.

Quem escala o Himalaia não se agarra ao dinheiro. O maratonista não corre atrás do lucro. O guerreiro, que estende o risco ao limite extremo, não mira o pagamento. O alvo é a glória, recompensa muito maior que os bens materiais. O monge que fustiga o corpo não quer levar vantagem. A ambição é mais elevada: o contato com o sagrado.

As emoções são labirintos complicados. Pode ocorrer, na contramão do bom senso, o encontro inusitado entre honra e desonra, numa dobra improvável da alma humana, ou numa esquina obscura da cidade. Sob a forma, por exemplo, da mistura de violência com fidelidade, desrespeito e lealdade. Era aí que morava o maior perigo para o BOPE, em sua época áurea, isto é, antes de se tornar o Batalhão que é hoje, formado por quatrocentos homens e mais parecido — em todos os sentidos — com os demais batalhões da polícia convencional do que jamais se permitira ser no passado.

O embrião do BOPE — o Núcleo da Companhia de Operações Especiais da PMRJ — foi criado em 19 de janeiro de 1978, sob inspiração do então capitão PM Paulo César Amêndola de Souza, mas apenas em 1991 foi batizado com o nome atual. O BOPE não foi preparado para enfrentar os desafios da segurança pública.

Foi concebido e adestrado para ser máquina de guerra. Não foi treinado para lidar com cidadãos e controlar infratores, mas para invadir territórios inimigos. Tropas similares servem-se de profissionais maduros. O BOPE acelerava meninos de 20 e poucos anos até a velocidade de cruzeiro do combate bélico. Vamos cobrar a loucura da guerra a quem foi treinado para matar?

Nos exercícios diários, os soldados do BOPE aprendem a entoar seus cantos de guerra:

"Homem de preto, qual é sua missão?

É invadir favela

e deixar corpo no chão."

"Você sabe quem eu sou?

Sou o maldito cão de guerra.

Sou treinado para matar. Mesmo que custe minha vida,

a missão será cumprida,

seja ela onde for

— espalhando a violência, a morte e o terror."

"Sou aquele combatente, que tem o rosto mascarado;

uma tarja negra e amarela,

que ostento em meus braços

me faz ser incomum:

um mensageiro da morte.

Posso provar que sou um forte,

isso se você viver. Eu sou... herói da nação."

"Alegria, alegria, sinto no meu coração,

pois já raiou um novo dia,
já vou cumprir minha missão.

Vou me infiltrar numa favela
com meu fuzil na mão,
vou combater o inimigo,
provocar destruição."

Se perguntas de onde venho
e qual é minha missão:
trago a morte e o desespero,
e a total destruição."

"Sangue frio em minhas veias,
congelou meu coração, nós não temos sentimentos,
nem tampouco compaixão, nós amamos os cursados
e odiamos pés-de-cão. *

"Comandos, comandos, e o que mais vocês são?

Somos apenas
malditos cães de guerra,
apenas selvagens cães de guerra."

O BOPE é a principal referência deste livro — diretamente na primeira parte, e indiretamente, na segunda. Mas a polícia não se resume ao Batalhão de Operações Policiais Especiais. E os dramas cotidianos da violência não envolvem apenas a elite da tropa. Todos os dias, no estado do Rio de Janeiro, um grande número de policiais arrisca a vida no cumprimento de seu dever constitucional, com dignidade e coragem. Eles recebem salários desproporcionais às ameaças que enfrentam e à

importância de sua função. Muitos sofrem danos físicos e mentais. As baixas fatais contam-se às centenas. Trabalham frequentemente, em condições precárias e incompatíveis com a complexidade de sua missão, tanto preventiva, quanto investigativa e repressiva. Além disso, têm visto sua imagem pública degradar. Casos sucessivos de corrupção e brutalidade feriram de morte, no Rio, a confiança da sociedade em suas polícias, as quais, por sua vez, nem sempre souberam compreender a natureza de seu papel, numa república como a brasileira, regida pelo Estado Democrático de Direito.

Este livro foi escrito com o propósito de enriquecer o processo de reflexão dos policiais e da opinião pública. Seu objetivo não é depreciar os profissionais da segurança, mas valorizá-los; não é atingir as instituições, mas promover seu aperfeiçoamento. Não há democracia sem polícia. Se desejamos construir uma sociedade justa e democrática não podemos deixar as polícias à margem e à deriva — quando falamos de polícias, estamos nos referindo a um universo de cerca de 45 mil profissionais, no Rio, e 550 mil, no Brasil.

Os três autores sonhamos com o dia em que poderemos celebrar, no Rio de Janeiro, a reconciliação entre a sociedade e as instituições policiais, entre os membros de cada comunidade e os policiais. Para que esse momento se realize, é preciso, no entanto, como ensinou Nelson Mandela, olhar nos olhos a verdade e reconhecê-la, sem meias palavras e subterfúgios, sem hipocrisia e retórica política. Nua e crua. Mesmo que seja dolorosa e disforme. Mesmo que a encontremos apenas pelas mediações da ficção. "Verdade e reconciliação", ele dizia, quando derrotou o apartheid. Só se alcança a reconciliação, atravessando-se o duro momento da verdade. A psicanálise também demonstra que o luto é uma etapa necessária à superação do sofrimento. O luto supõe o reconhecimento das perdas.

Elite da Tropa é dedicado aos que trabalham, nas polícias e fora delas, para que a reconciliação seja um dia possível. Os relatos que compõem este livro são ficcionais, no sentido de que todos os cenários, fatos e personagens foram alterados, recombinações e tiveram seus nomes trocados. Se, por acaso, nossa imaginação se equiparar ao que efetivamente acontece, talvez isso decorra do fato de termos escrito este livro a partir das nossas experiências, e de termos vivido, cada um à sua maneira, a realidade da segurança pública do Rio de Janeiro.

Luiz Eduardo Soares,

André Batista e

Diário da Guerra

Tiro Amigo

A notícia sobre o Amâncio me pegou de surpresa. Talvez seja uma bobagem dizer isso. Claro que foi uma surpresa. Quem é que poderia estar preparado para saber, de uma hora para outra, que um de seus melhores amigos levou um tiro de fuzil nas costas e está entre a vida e a morte, num Centro de Tratamento Intensivo hospital militar? Mais que surpresa; foi quase um tiro que eu levei. Ele era policial também, ex-sargento do BOPE. Deu baixa quando nasceu o primeiro filho. A mulher pediu e ele achou que a preocupação dela fazia sentido. Engraçado. Quando a gente está no BOPE, praticamente não pensa no perigo. Mas o perigo é nosso companheiro permanente. Tanto que nunca deveria soar surpreendente a notícia de que algum colega foi ferido e está entre a vida e a morte em um CTI.

Talvez o caso do Amâncio seja tão chocante justamente por ele já ter saído do BOPE e pelas razões que o haviam levado a sair. Era uma puta ironia que ele tivesse sobrevivido a tantas dezenas de incursões do BOPE nas favelas mais perigosas e acabasse alvejado daquele jeito, numa tarde de

domingo, quando se preparava para voltar para casa, no final de um plantão de 24 horas, provavelmente louco para rever a mulher e o filho. Ele estava lotado na P2 do 2o. Batalhão. P2 é o setor responsável pelo serviço de inteligência. Segundo as leis, a P2 deveria voltar-se exclusivamente para os desvios de conduta dos colegas do próprio Batalhão. Mas não é nada disso o que acontece. Como a Polícia Civil, com raras exceções, não investiga porra nenhuma, é a P2 que faz campana * na entrada das favelas, grampeia os telefones dos traficantes e segue os suspeitos pela cidade. Por isso, os policiais lotados nas P2 andam em carros civis, com chapa fria.

Há várias vantagens em ser policial. Uma delas é conhecer todo mundo no hospital militar. Na guerra urbana, há sempre o que fazer por lá. A gente passa levando gente, visitando, telefonando para saber notícias. Portanto, você pode entender por que não foi difícil entrar no CTI, contrariando prescrições médicas. Sentei ao lado do Amâncio, todo plugado, e segurei sua mão. Ele abriu os olhos, ensaiou um meio sorriso, fechou os olhos e sussurrou: "Não foi nas costas porra nenhuma. Foi na barriga. Tiro na barriga." Senti um tremor que me atravessa o corpo quando estou prestes a explodir. Falando assim, dou até a impressão de que sou uma arma. Quem explode é granada. Mas tem situações em que eu me sinto uma arma.

Mais especificamente, uma granada. Nesse caso, a metáfora é bem apropriada.

Amando apertou minha mão e brincou: "Lembra da granada?" "Claro, porra, quem é que poderia esquecer?", eu disse. "Ávida de

toda a turma esteve em sua mão. Literalmente."

UMA CLAREIRA NA SERRA DO MAR, INVERNO, TRÊS DA MANHÃ, ALGUNS ANOS ANTES

Para você não perder o fio da meada, é importante conhecer a história da granada. Mas para isso, é preciso que a gente deixe o hospital, um momento, e volte no tempo, até as provas de ingresso no BOPE.

Depois de cavalgar 100 quilômetros, sem arreio e sem descanso, mortos de fome e sede, completamente devastados pelo esgotamento com as coxas e a bunda em carne viva, nós tínhamos a opção de sentar ou não na bacia com salmoura. A experiência mostrou que valia a pena sentar, mesmo ao preço de uma dor lancinante. Alguns desmaiavam de dor. Ainda assim, era melhor. Quem se poupava, no dia seguinte não conseguia nem se mexer: as feridas inflamadas, cobertas de pus; a coxa, o saco e a bunda inchados. Resultado: imobilizados, eram reprovados. E o pior era o ritual de humilhação do desligamento: tinham de cavar a sepultura e simular a própria morte, deitando-se no fundo da cova.

Vamos saltar a salmoura, porque depois é que vem o melhor — ou o pior, depende do ponto de vista. Enquanto alguns cavalos morrem de fadiga — não estou exagerando, morrem mesmo —, a comida é servida. Mas se você está pensando em um farto e saboroso bandejão, engana-se. A comida é jogada sobre uma lona, estendida no chão — lembre-se de que estamos em pleno campo e que é noite de inverno. Temos dois minutos para comer. Eu disse "dois minutos". Com as mãos. Coma o que puder, como puder — é o lema. Vale tudo. Nessas horas é que a gente vê que, reduzido ao nosso mínimo denominador comum fisiológico, somos todos, os humanos, entre nós parecidos, e semelhantes aos mamíferos inferiores. A briga pela sobrevivência é um troço feio de ver e pior ainda de sentir.

Mas depois da tempestade vem a bonança, assim como depois da experiência física extrema, vem a contemplação, a abstração e o adestramento intelectual. Agora, procure imaginar o seguinte: um bando de marmanjos sujos, enlameados, fedendo a cavalo, com o saco esfolado, a bunda e as coxas queimando, exauridos até a última gota de energia, ainda cheios de fome e sede, com as unhas negras repletas de

vestígios do jantar, as mãos ensebadas, obrigados a assistir a uma longa aula teórica e entediante sobre táticas antiguerrilha, em que não há referência a ações, apenas aos conceitos fundamentais.

Adicione o seguinte ingrediente: a aula era lida, em tom propositalmente hipnótico. Éramos um bando de enfermos, sonâmbulos, espectros. Arregalávamos os olhos, sabendo que um cochilo custaria muito caro. Amâncio não resistiu e bateu a cabeça, embriagado de sono. O professor se ergueu devagar. Dirigiu-se até ele. Mandou que ficasse de cócoras sobre um tronco, tirou do cinto uma granada, puxou o pino e colocou-a na mão direita do aluno relapso. Um deslize seria o fim daquela simpática e brava matilha. Dali em diante, ninguém tirou os olhos do Amâncio — todos vigiando a vigília do colega. O pavor nos despertou como não faria o melhor café quente e amargo.

DE VOLTA AO CTI

"Nós estávamos na sua mão", repeti. Amâncio mantinha o meio sorriso armado, como uma tenda no acampamento da tropa. O combate agora era dele, só dele. Ele estava só, com a granada amarrada à mão. Apertei sua mão para ele saber que eu continuava a seu lado. "Sabe o que aconteceu? O que realmente aconteceu?", perguntou com um fio de voz. Eu lhe disse que era melhor não falar, ele precisaria de toda energia disponível para resistir àquela batalha e vencê-la. Não quis fazer drama e falar assim, com imagens de guerra pela vida e essas coisas que ficam bonitas num livro, mas fazem um mal danado quando ditas ao pé do leito de morte de quem sabe que não há batalha porra nenhuma; o que há é um massacre sem comiseração.

Mas ele insistiu. Foi assim que fiquei sabendo o que se passou na tarde daquele domingo.

SANTA TERESA, DOMINGO, QUATRO DA TARDE

Este é o relato fiel do que Amâncio contou: "Eu e meu parceiro voltávamos para o 2o. Batalhão no Gol descaracterizado que a gente usava em algumas missões. Estávamos na rua Almirante Alexandrino, em Santa Teresa, porque tínhamos seguido um cara que fazia a ligação entre os

traficantes do morro Santa Marta e os vagabundos do Tabajara. Mas perdemos o cara e, como já tinham passado as 24 horas de nosso plantão, resolvemos voltar. Ali em cima, perto da favela do Balé, tem uma bifurcação. Queríamos descer para o

Cosme Velho e Laranjeiras, mas o meu parceiro, que dirigia o carro, pegou o lado errado. Quando a gente viu, estava num declive muito íngreme que nos levava direto para o miolo da favela.

Não dava para recuar, nem para frear, abandonar o carro e correr a pé, de volta. A gente praticamente deslizava para o meio da favela.

Nosso carro era uma bandeira só. Porra, dois homens, num Gol daqueles, ou a gente era bandido ou polícia. Nos dois casos iríamos tomar tiro. O carro seguiu devagar, ladeira abaixo, e já dava pra ver que os traficantes estavam reunidos bem no meio da rua. Estavam distribuindo as cargas e as armas. Tive a intuição de que a gente só tinha uma saída, acelerar.

"Gritei: acelera, pisa até o fundo e abaixa a cabeça. Parecia um strike no jogo de boliche. O carro disparou ladeira abaixo e nós pegamos uns três ou quatro. Foi uma puta porrada; voou moleque pra todo lado; o carro capotou algumas vezes. Consegui escapar, no meio uma chuva de bala. Corri atirando e buscando uma cobertura. Não o que aconteceu com o Amílcar. Não pude mais olhar pra trás. Só fiz correr pelos becos na direção oposta à da entrada. Você deve se lembrar da favela. Ela fica num vale, entre a ladeira que desce de Santa Teresa e a escadaria que sobe, na outra ponta. Fugi pra escadaria. Eles não me seguiram. Devem ter ficado cuidando dos feridos. Vai ver que o chefe estava entre os atropelados. Corri com todas as minhas forças e subi a escadaria pulando os degraus. Quando estava mais ou menos na metade, apareceram uns colegas do 1o. Batalhão no alto da escadaria. Fiz um sinal e me senti salvo pelo gongo.

"De repente me apontam o fuzil lá de cima e eu só sinto aquele coice na barriga. Ficou tudo preto. Acordei aqui, depois da cirurgia. I oi tiro amigo, meu irmão. Tiro amigo. Agora, eu te pergunto: por quê? Está certo que sou negro e que estava armado e sem uniforme, mas, porra, para quê atirar antes de identificar o camarada?"

Amâncio não passou daquele dia. No enterro, na salva de tiros tive vontade de mandar pararem aquela farsa, aquela palhaçada.

Mas pensei na viúva, no filho, ponderei um pouco e achei que o melhor mesmo seria colocar uma pedra no caso. Melhor ter um pai herói, morto pelos inimigos, do que vítima de um mal-entendido. Digo mal-entendido para manter um certo nível de sobriedade, em homenagem à memória de um amigo querido, um homem de valor. O que senti mesmo foi vontade de chorar e de vomitar as verdades sobre essa merda

toda.

Mil e uma Noites

O Batalhão de Operações Policiais Especiais, BOPE para os íntimos, chega à praça de guerra. Estamos com gana de invadir favela, um puta tesão. Desculpe falar assim, mas é para contar verdade ou não é? Você vai logo descobrir que sou um cara bem formado, com uma educação que pouca gente tem no Brasil. Talvez você até se espante quando souber que estudo na PUC, falo inglês e li Foucault. Mas isso fica para depois. Vou tomar a liberdade de falar com toda franqueza, e, você sabe, quando a gente é sincero, solta o verbo e nem sempre as palavras são as mais sóbrias e elegantes.

Se você está esperando um depoimento bem educadinho, pode esquecer. Melhor fechar o livro agora mesmo. Desculpe, mas me irrita com as pessoas que querem ao mesmo tempo a verdade um discurso de cavalheiro. A verdade tem de ser convocada a comparecer, e ela só baixa no cavalo desbocado, que se recusa a filtrar a voz que vem do coração. Por isso, a verdade está mais para discurso de cavaleiro e de cavalo, do que para os salamaleques da corte. Esse depoimento é como se fosse minha casa. Ele vai ser belo, sublime e horrendo, como eu sou, como tem sido a minha vida. E como é a sua vida também, com toda certeza. Entre, fique à vontade. A casa é sua. No início você vai estranhar um pouco algumas coisas, mas depois vai se acostumar. Eu também estranhei no começo. Quando entrei pra polícia, estranhei muita coisa. Mas logo me acostumei. A gente se acostuma. Portanto, meu caro amigo, caríssima amiga — posso chamá-los assim? —, apertem o cinto e vamos em frente.

A primeira história acontece na favela do Jacaré.

Foi mais ou menos assim. A gente está chegando ao Jacaré cheio de amor pra dar — se é que você me entende —, com uma puta disposição. Mal descemos da viatura, dois viciados dão de cara com a gente — porque a viatura parou justamente depois da quebrada da ladeira principal. Eu era tenente, na ocasião, e comandava a patrulha. Eles não tiveram nem tempo de disfarçar ou tentar uma fuga. Peguei o mais alto pelo braço e dei umas sacudidas, para o filho da puta acordar e perceber que tinha caído na ratoeira. Estava desarmado e trazia uns papalotes de cocaína no bolso.

— Quer dizer que o veadinho veio curtir um branco, não é? Vai ver a boneca também curte fazer passeata vestidinho de branco, pedindo paz, hein? Fala aí, mané.

— Não, senhor.

— Não senhor o quê, porra? Não comprou pó ou não gosta de passeata pela paz?

— Eu não vendo não, senhor. Vim comprar só mesmo pro meu consumo pessoal...

— Ah! É pro consumo pessoal, então tá.

Arranquei um extintor de uma de nossas viaturas e descarreguei nas narinas do sujeito. Parecia um pastelão:

— Quer pó? Quer do branco? Então toma pó, animal... Bem, nesse ponto devo admitir que me subiu um calor e não me

contive. Mas dei só umas porradas, porque tive uma idéia luminosa. Mandei o Rocha parar de bater no outro viciado.

— Venham cá, os dois. De pé, olhando pra mim. Tá, aqui, meu celular. Vocês têm três opções: ligar para o papai e pedir pra ele vir buscar vocês, é a primeira; comer uma dúzia de ovos cozidos, cada um, em beber água, é a segunda; entrar na porrada é a terceira. E aí?

Os dois escolheram os ovos. Eu sabia. A última coisa que viciado quer é que o pai descubra. O que eles não sabiam é que os ovos estavam na viatura desde a véspera, por causa de uma ocupação que o BOPE estava fazendo. Naquele calorzinho carioca gostoso, de janeiro, os ovos certamente correspondiam a uma boa surra. Deus escreve certo por linhas tortas. O livre-arbítrio foi respeitado. Mesmo assim, cumpriu-se o desígnio divino. Cuidado, não pense que sou evangélico. Isso é puro preconceito seu. Nem todo policial ou bandido que fala em Deus é evangélico. Está vendo só? Não é só o policial que é preconceituoso, afinal de contas. Por falar em preconceito, assinale aí em sua agenda que sou negro. Negro na acepção politicamente correta da palavra, porque, do ponto de vista meramente físico, sou mulato, moreno, na verdade. Mas faço questão de deixar claro — sem trocadilho — que sou negro e prefiro que você pense em mim como negro, ok?

O diabo é que só havia uma dúzia de ovos, o que me obrigou a improvisar. Mas eu até que sou bem criativo, modéstia à parte. Tanto que a solução foi engenhosa. Enquanto o viciado baixinho engolia os ovos, para os aplausos vibrantes de meus comandados, o outro se enterrava até o pescoço na caçamba de lixo. Confessa... não

foi uma sentença interessante? Se,

nesse momento, você ficou horrorizado e evocou os direitos humanos, acho melhor fechar logo esse livro, cara, porque está arriscado a ter uma síncope daqui a pouco.

Bem, na verdade, não quero que você feche o livro, nem gostaria que você ficasse com má impressão de mim. Não leve tão a sério o que eu digo. Às vezes, falo o que me vem à cabeça e acabo passando uma imagem falsa de mim mesmo, como se fosse um desalmado, um perverso, ou coisa assim. Mas não é nada disso. Quando você me conhecer melhor, vai ver que não é nada disso. Só fiz questão de contar essa história porque o final dela é muito engraçado. Aconteceu assim: eu descia a favela no bagaço; tinha sido uma

noite daquelas. Mais de três horas caçando vagabundo, sem resultado. Dois soldados da minha unidade já esperavam na viatura. De longe dava para ouvir a gargalhada deles. Quando me aproximei, apontaram a lanterna pra caçamba de lixo, de onde despontava a cabeça do viciado, enterrado naquela merda até o pescoço.

— O que é que você está fazendo aí, cara? — perguntei. — O senhor mandou eu ficar aqui.

— Pode sair, porra.

Juro por Deus que tinha esquecido. Se não fosse pelo barulho dos ratos, os rapazes não teriam visto. E se não tivessem visto, era capaz de ele estar lá até hoje.

Tarja Preta e Fitinha Azul

Não sou comédia, quero que você saiba. O caso do Tuiuti é interessante. Quer dizer, é útil para você me conhecer um pouco melhor. E conhecer minha turma do BOPE. A história anterior pode induzir a erro. Sobretudo porque, hoje em dia, a gente fala em polícia todo mundo pensa logo em zorra, bateção de cabeça e corrupção. O episódio da lixeira acaba soando meio ambíguo e você pode ter tido com a impressão de que, se os pais dos viciados aparecessem, eu e meus colegas teríamos cobrado propina para liberá-los. Vou deixar claro desde já: isso não existe no BOPE e nunca existiu. Na verdade, houve um caso ou outro, mas os próprios companheiros deram um jeito de expulsar os responsáveis, antes que nossa honra fosse conspurcada.

Porrada em vagabundo, execução de marginal, esse departamento é com a gente

mesmo. Mas não tem negócio, não. Conosco não existe essa coisa de arrego. É engraçado — engraçado e triste ao mesmo tempo — que até a linguagem dos bandidos e dos policiais corruptos vai ficando cada vez mais parecida. No final, a gente vai ciliar mais de perto, o dinheiro é um só, a motivação é a mesma e tudo acaba sendo um único embrulho: a polícia vende as armas para os traficantes, vai buscá-las no morro para o espetáculo das exposições políticas na mídia. No dia seguinte, devolve todas elas e ainda cobra uma taxa aos traficantes. Essas armas são usadas contra a própria polícia, mas essa cambada não está nem aí para as conseqüências.

No dia a dia, se o BOPE não age, a turma da boquinha dos batalhões negocia um percentual da venda do tóxico e faz arrecadação diária. De vez em quando, alguém rompe o acordo e o tiroteio come solto. Por isso mesmo, é importante que eu seja inteiramente transparente, para que você separe o joio do trigo. Com o BOPE não tem acerto, não tem negócio. E não é para me gabar não, mas nós somos a melhor tropa de guerra urbana do mundo, a mais técnica, a mais bem preparada, a mais forte. Não sou eu quem está dizendo; os israelenses vêm aqui, aprender com a gente; os americanos, também. Essa qualidade se deve a muitos fatores, um dos quais é o seguinte: em nenhum lugar do mundo se pode praticar todos os dias.

Somos uns 150 homens, aproximadamente. Sempre que se quis aumentar esse número, deu merda. Não é fácil ingressar no BOPE. Isso eu posso garantir. Não é para qualquer um. Temos um puta orgulho do uniforme preto e do nosso símbolo: a faca cravada na caveira. Os marginais tremem diante de nós. Não vou iludir você: com os marginais, não tem apelação. A noite, por exemplo, não fazemos prisioneiros. Nas incursões noturnas, se toparmos com vagabundo, ele vai pra vala. Sei que essa política não foi correta. Agora, não tem mais jeito. A gente mata ou morre. Antes da implantação dessa política, há muitos anos, o marginal se rendia, quando se via inferiorizado. A ordem de atirar para matar, não admitindo rendição de bandido, acabou provocando um efeito paradoxal: aumentou a resistência deles e a violência contra a polícia. Claro, o sujeito sabe que não adianta se render, então luta até a morte. Pelo menos adia a morte e leva alguém junto.

Com isso, cresceu muito o número dos autos de resistência seguidos de morte, que são os registros das mortes de civis em confrontos com a polícia. Por outro lado, multiplicaram-se os assassinatos cometidos contra policiais. Por vingança. Essa espécie de vingança ainda mais doentia, dirigida a toda uma corporação. Espelho da vingança que nós mesmos praticávamos, às vezes contra uma favela inteira. O sangue é um veneno. Quanto mais se derrama, mais fertiliza o ódio. E a roda não pára de girar. No final, todos pagamos a conta, a começar pela sociedade. Foi uma

insanidade, aquela política. E agora? Os herdeiros da loucura somos nós. O jeito é atirar mais rápido para não morrer. Os políticos e os acadêmicos que discutam o sexo dos anjos.

TUIUTI, AGOSTO, ÀS SETE DA MANHÃ

Esse caso ocorreu em um ano já distante. Descíamos do morro do Salseiro, na Tijuca, onde passamos uma noite pesada. Em frente ao antigo estádio do América, na Campos Sales, um carro estava parado no meio da rua, com a porta do motorista aberta, ao lado de um carro-forte. Uma senhora aflita fazia sinal. Paramos atrás do carro. Éramos cinco. Encontramos o corpo de uma mulher, debruçada sobre o volante, com um tiro de fuzil na cabeça. Você pode imaginar o quadro. Não vou lhe dar os detalhes chocantes. Dá para entender por que a tal senhora, mãe da vítima, se recusava a aceitar a morte e insistia na remoção do cadáver para atendimento médico, por mais que o óbito fosse evidente. Se lhe contasse como estava o console e o pára-brisa, você entenderia por que falo em óbito evidente.

Deixamos com ela o cabo Ronaldo, para as providências, e partimos no encalço dos assassinos. Eles tinham assaltado o carro-forte e levado 6 milhões de reais. A moça, assustada com a correria à sua frente, tentou manter o carro imóvel, atendendo à ordem do bandido, mas tirou o pé da embreagem, por nervosismo, provocando o solavanco que assustou o marginal. Ele disparou um tiro seco e preciso. Para você ter idéia do estrago, um tiro de fuzil, no interior do corpo humano, danifica uma área correspondente a cinquenta vezes o diâmetro do projétil. Ronaldo respeitou o auto-engano da mãe. O desespero materno se manifesta por linguagens estranhas. Sentou praça a seu lado como sentinela de sua dor e foi, aos poucos, lançando pontes entre a loucura e a realidade. A mãe da morta atravessou o abismo, lentamente. Até hoje, todo fim de ano, ela se lembra da gente, telefona, manda cartões. A gratidão que brota em situações extremas não se apaga.

Deixamos Ronaldo e disparamos. A 1 quilômetro dali, na praça da Bandeira, havia um ajuntamento. Abrimos passagem no bolo de gente. Um sargento gordo, no chão, olhos esbugalhados, estava morto numa poça de sangue. Tiro de fuzil no pescoço. Depois de uma noite tensa, aquilo foi demais para nós. O sangue subiu à cabeça, e dois dos nossos homens gritaram um bocado com o povo que se amontoava para espiar o cadáver. "Vocês reclamam da polícia, falam da gente... esse homem era um pai de família, a mulher dele está esperando em casa, os filhos também, ele estava trabalhando", disse o soldado Castro. O cabo Álvaro continuou:

"Vocês querem que a gente prenda os filhos da puta que fizeram isso? Pra eles voltarem pra rua, rindo da nossa cara? Os filhos da puta mataram uma menina, roubaram um carro forte, assassinaram um trabalhador. O que é que vocês dizem agora? Algum filho da puta vai falar em direitos humanos? E os direitos desse homem que sangrou até morrer, feito um porco no curtume?" Castro recomeçou: "Vocês querem o sangue dos assassinos? Querem que a gente vá à caça? E depois? E depois, porra? Vocês vão depor a nosso favor, na frente do juiz? Vão arrebentar as grades da jaula em que nós estaremos apodrecendo?"

Duvido que alguém tenha ouvido aqueles gritos, no meio daquela confusão toda. A morte do guarda de trânsito deu um nó no tráfego e tive de deixar outro de nossos homens para cuidar da remoção do cadáver e pôr ordem no caos. A cidade tinha de continuar sua jornada para dentro da fumaça, do mormaço estilhaçado na lateria dos ônibus, do cheiro de sangue e gasolina. Mais um dia igual aos outros. Afinal, no estado do Rio de Janeiro, 18 pessoas são assassinadas diariamente. E isso se repete feito um mantra há mais de vinte anos. Aprendemos a conviver com essa maldição. Sobretudo nós, policiais, que estamos mais expostos aos riscos e à miséria em que os bandidos germinam como plantas selvagens. Somos as feras da selva. Feras profissionais.

Voltamos à viatura. Havia duas possibilidades: os marginais poderiam ter ido em frente, à direita, seguindo para o Rio Comprido, pela avenida Paulo de Frontin, ou retornado à esquerda, em direção à estrada de ferro, São Cristóvão e Maracanã. Decidi tomar a esquerda. Quando passávamos debaixo do Tuiuti, pedestres nos fizeram sinal, indicando a favela. Acho que o próprio tráfico do Tuiuti não gostou da visita incômoda de assaltantes de carro-forte, que subiram o morro com homicídios qualificados nas costas para dividir responsabilidades e riscos. Embicamos ladeira acima. Não foi difícil localizar a casa em que se esconderam. Os moradores colaboravam abertamente. Sinal de que os bandidos não eram dali. Eles não ousariam desafiar a lei do silêncio que o tráfico impõe.

Éramos quatro. Posicionamos nossas armas, avisamos que a casa estava cercada e mandamos os bandidos sair, um a um, com as mãos na nuca. Nada. Fuzilamos a casa, dispostos a derrubá-la. Foram uns quatrocentos tiros. Ficou de pé, vazada feito paliteiro. Um vagabundo avisou que ia sair. Deu os primeiros passos para fora. Delgado fez a mira e apertou o gatilho. O cartucho estava vazio. Ele ainda teve tempo de recarregar, enquanto o bandido aguardava, de pé, com as mãos na nuca, trêmulo e pálido. Agora, sim, deflagrou o tiro no peito do vagabundo. Nenhum sinal de vida no interior da casa. Era hora de invadir.

Encontramos dois corpos entre os escombros e um sobrevivente. O cara estava desfigurado, mas vivo. A cena ficaria por muito tempo

conosco, revirando o estômago e assombrando o sono. Cada homem da tropa a digeriu como pôde. Dois de nós acabaram recebendo o apelido tarja-preta por causa disso — esse apelido é dado a quem toma esse tipo de remédio. Mesmo para quem vê a morte todo dia, não foi fácil encarar a vida sob aquela forma. O infeliz perdera o queixo. Não tente imaginar. Você não conseguiria. Aliás, melhor mesmo que não consiga.

"Ela está morta; ela está morta" — um senhor negro trazia uma menina no colo, banhada em sangue. Vinha dos fundos da casa. "Os bandidos mataram minha neta" — e nos mostrava a criança. "Foram os tiros dos bandidos", repetia. O soldado Délio tirou a menina dos braços do avô e correu para a viatura. "Vamos salvar a criança, vamos salvar a criança." Corri com ele, segurei-o pelo braço e lhe disse, olho no olho: "Délio, a criança morreu. Ouviu? Ela está morta." Ele permaneceu imóvel, olhando em frente, a criança no colo. Depois de alguns minutos, veio até mim: "Capitão, fomos nós que matamos a menina. Ela estava nos fundos. Os marginais estavam de costas pra ela, atirando na gente. Era impossível atingir a menina. Nós atiramos de frente, em direção à casa. O tiro foi nosso." Olhei de novo para os olhos dele, bem no fundo: "Esquece isso." "Nós matamos a menina, tenente", ele insistiu. "Esquece, porra. Esquece. O avô dela está convencido de que foram os bandidos; então, foram os bandidos, porra. Esquece. Acabou."

O vagabundo sem queixo morreu a caminho do hospital. No final da manhã, fui conferir as ocorrências no Instituto Médico

Legal. Conteí sete corpos, lado a lado, no galpão gelado. Eu me senti numa gruta sombria, estuário secreto dos rios que fluem no subterrâneo da cidade — ela continua a fazer barulho, alheia ao subsolo. Délio era só um dente na engrenagem; eu era outro. Nós mal conhecíamos o funcionamento dos aparelhos que estavam em movimento. Além disso, àquela hora, tínhamos sido vencidos pela mais profunda exaustão.

Vidal ficou no Tuiuti, guardando as sacolas com dinheiro. As aves de rapina da Polícia Civil têm excelente olfato. Chegaram em equipe e decididos, mandando a PM se afastar. Tomariam conta do caso. Vidal subiu nas sacolas e girou 360 graus, apontando o fuzil em todas as direções: "Quem puser a mão na grana, leva chumbo. Não estou brincando, não. Eu atiro mesmo. Vou atirar. Estou avisando. Vou atirar." Os coleguinhas preferiram não brincar com fogo. Depois de 24 horas no ar e das

guerras em que nos havíamos metido ao longo daquela jornada, Vidal seria bem capaz de atirar mesmo.

A relação dos policiais do BOPE com o comandante varia muito. Quando o cara passou por tudo o que nós passamos, no treinamento e no exame de seleção, e quando tem colhão para defender a nossa honra diante das sacanagens da política, tudo bem. Tem a nossa lealdade. Mas quando o sujeito é um oportunista e sacrifica tudo para agradar o comandante geral da PM e o governador, aí fodeu. Me desculpe ser assim direto, mas fodeu. Foi o que aconteceu no último capítulo desse caso do Tuiuti.

O comandante foi procurado pelo banco cujo dinheiro nós havíamos resgatado. A seguradora pagaria 5% aos policiais que se empenharam na recuperação dos 6 milhões. Ou seja, 300 mil reais migrariam da conta biliardária da seguradora para minha poupança de meus modestos colegas de farda. Nenhuma fortuna, mas nada desprezível: dividida por cinco — ou oito, se quiséssemos homenagear todo o pessoal que compõe a unidade sob meu comando, independentemente de ter ou não participado daquela operação (aliás, imprevista — tivesse sido planejada, os oito teriam estado presentes) a grana engordaria em 60 mil ou em 37 mil e 500 reais as nossas contas. O comandante resolveu enviar uma lista, digamos, mais generosa, fazendo caridade com o dinheiro alheio: incluiu-se a si próprio, mais uns cinco ou seis amiguinhos do peito. Resolvemos melar a festa. Conversamos com a seguradora, explicamos as dificuldades sugerimos uma solução salomônica: que a doação fosse feita em equipamentos para a unidade, sobretudo em coletes à prova de bala. Os nossos eram velhos, pesados e frágeis. Acabou sendo muito útil. E a indignação do comandante funcionou como um prêmio suplementar. Lavamos a alma.

Por falar em alma, chegou o dia das condecorações. Muitos meses já haviam passado, mas a ferida continuava aberta. Délio não se conformava com a morte da menina e o espectro do marginal desfigurado ainda assombrava alguns de nós. Perdemos sono e sossego, por um longo tempo. O ritual de condecoração faria com que revivêssemos a experiência, porque os registros da ocorrência, com todos os detalhes, seriam lidos na cerimônia. Revolver esse passado era a última coisa que poderíamos desejar. Se nos quisessem premiar, que nos deixassem em paz, nos esquecessem e nos permitissem esquecer. A memória, às vezes, parece um cofre em que a gente é enterrado vivo.

Não houve jeito. Prenderam no nosso peito aquele fato, envolto numa fitinha azul.

Emergência

Nem todo mundo que chega ferido à linha de montagem do hospital da PM sai para receber as honrarias fúnebres. Alguns se salvam. Às vezes, salva-se até mesmo quem se acha muito vivo. Ainda que a esperteza lhe custe caro. Foi o que aconteceu com o tenente Ricardo, um rapaz, que gostava de valorizar o próprio passe. Antes do relato, algumas notas técnicas. Elas teriam sido muito úteis ao tenente.

Os médicos que se especializaram no atendimento às vítimas de armas de fogo, no Rio de Janeiro, tornaram-se referências internacionais — como aconteceu com o BOPE, modéstia à parte. Eles têm contado com a colaboração da polícia e dos bandidos, cuja produtividade mórbida tem-se aperfeiçoado ao longo dos anos. Não tem faltado osso estilhaçado, músculo destroçado, órgão rompido, membro mutilado em escala industrial. Da plástica à ortopedia, os médicos brasileiros estão entre os melhores do mundo. Quando se trata de medicina de guerra, especializada em lesões por arma de fogo, como já disse, não tem pra ninguém. No início, nossos especialistas visitavam cirurgiões americanos que atuaram no Vietnã. Agora, são os gringos que nos procuram.

Uma lição que aprendemos com eles salvou várias vidas: quando o projétil é de grosso calibre, melhor sacrificar tecidos e órgãos, até o limite do possível, do que tentar preservá-los. A experiência demonstrou que a preservação acaba sendo contraproducente. Em resumo: se o tiro é de fuzil, abre-se a vítima de cima a baixo e só não se remove o que for vital. Por isso, abriram o sargento Romero de alto a baixo, quando levou um tiro de fuzil lateral na bunda, que entrou numa nádega e saiu pela outra. Aparentemente, eram só dois furos, um de entrada, outro de saída, com uma trajetória reta intramuscular. Nada que o tempo não cicatrizasse. Tanto que o primeiro atendimento, aos cuidados de um profissional não especializado, não envolveu nem uma sutura. Só dois curativos e um antiinflamatório. Mal sentou na viatura que o levaria para casa, Romero esvaiu-se em sangue. A hemorragia era drenada pelo ânus. Entrou em choque e quase morreu. Foi reconduzido às pressas à sala de emergência. Sofreu, enfim, a cirurgia que lhe extraiu não sei quantos metros de intestino e lhe salvou a vida.

Pena que o tenente Ricardo não soubesse disso quando chegou à sala de emergência, posando de durão. Ele levava um tiro amigo de uma pistola, na viatura. Não foi o único, aliás. Muita gente teve a mesma sorte — ou melhor, o mesmo azar. Alguns não sobreviveram. Ricardo vinha sentado na frente, e o colega, desatento, sentado no banco de trás, não tomou as medidas de segurança necessárias. A arma sem protetor, inadvertidamente, disparou, atingindo o ombro do tenente, por trás.

Para driblar a corregedoria e impressionar as enfermeiras, Ricardo entrou avisando: "Não foi nada. Uma bobagem. Um bando de traficantes me armou uma cilada, mas dei um jeito neles. Foi só um tiro de fuzil no ombro." Antes que contasse a próxima vantagem, deram-lhe um sossega-leão na veia, entubaram-no e chamaram os cirurgiões especialistas, que o abriram do umbigo ao i pescoço, adotando o procedimento padrão. O tenente sobreviveu, mas aprendeu que nem sempre vale a pena bancar o machão, exagerando o calibre do heroísmo.

Golfinhos de Miami

Minha mulher, que tem mania de psicanálise, costuma dizer que quando a gente passa determinada impressão é porque ela expressa pelo menos um lado nosso. Se minha mulher tem razão, o que você percebeu não está inteiramente errado. Mas, de todo modo, parcial. Em português claro: eu não sou inteiramente isso que você está pensando. Ainda que não seja totalmente o que eu mesmo gostaria de ser. Como prefiro o português claro às frescuras psicológicas, vou direto ao ponto. Eu digo que faço e aconteço, afirmo que sou direto, chamo de frescuras a visão crítica de minha esposa, mas acabo dando mil voltas, mil e uma piruetas em torno do assunto que quero comentar. É que o tema é espinhoso, é cabeludo.

O assunto é violência. Quer dizer, a violência que a gente comete. Alguns chamam tortura. Eu não gosto da palavra, porque ela carrega uma conotação diabólica. Acho que há casos e casos, e que nem toda tortura é tortura, na acepção mais comum do conceito. Está entendendo? Não? Pois é, a coisa é bem complicada. Eu próprio também não sei se compreendo direito. O que quero dizer é que não me envergonho de não me envergonhar de ter dado muita porrada em vagabundo. Primeiro, porque só bati em vagabundo, só matei vagabundo. Isso eu posso afirmar com toda certeza. Sinto minha alma limpa e tenho a consciência leve, porque só executei bandido. E, para mim, bandido é bandido, seja ele moleque ou homem feito. Vagabundo é vagabundo. E tem mais — essa não é uma regra do BOPE, é minha mesmo, mas eu sigo à risca: não espanco nem mato mulher. A menos que seja em legítima defesa. Mas aí não tem jeito, é matar ou morrer. Fora disso, respeito mulher. Até porque não é preciso fazer diferente. Mulher se assusta logo e entrega até a mãe. Nem é preciso bater. Homem, não. Tem cara que é tão safado que agüenta firme uma noite de porrada e não entrega. Talvez porque saiba que a vingança dos comparsas seria ainda pior do que o castigo do BOPE.

Bem, essa questão toda é muito enrolada e eu, por mim, saltaria essa parte, mas me sinto obrigado a contar algumas coisas, já que o acordo foi não esconder nada. Depois você avalia, faz seu próprio balanço e me diz se eu sou um covarde ou se fiz

a coisa certa — ou, pelo menos, o que você teria

feito em meu lugar. Vai me dizer que não obrigaria um seqüestrador a falar, mesmo que tivesse de usar a força? Se sua filha estivesse seqüestrada, correndo risco de vida, nas mãos de uns doentes, vai me dizer que você não espancaria o filho da puta até a morte pra tirar dele a informação? Pois é, a única diferença é que você não saberia como bater direito e acabaria desperdiçando energia, acertando os pontos menos sensíveis e empregando mais ódio e desespero do que técnica. Nós somos pura técnica.

Hoje, olhando para trás, me sinto meio inibido em narrar fatos, mas no calor dos acontecimentos, confesso que não tinha nenhum problema com isso. A verdade é a seguinte: eu e meus colegas nos divertimos bastante. Portanto, não é bem verdade essa história de "pura técnica". Somos técnica, diversão e arte... como diria o Arnaldo Antunes.

Lembro-me, por exemplo, de um marginal que pescamos meio por acaso, logo que chegamos ao morro da Providência, num mês de março. Nossa equipe estava completa. Éramos oito. Primeiro, demos uma coça regulamentar para que ele desse as peças — esse é o nome que os traficantes cariocas dão às armas e o verbo "dar", nesse contexto, a gente emprega com o sentido de entregar. Ele portava um revolver fuleiro e jurava que só tinha aquilo mesmo e que era só assaltante, não estava metido com tráfico de drogas. Nesse momento, minorada dele passou, viu o tumulto, se aproximou e o chamou pelo nome. Foi quando as fichas caíram. A gente se deu conta de que o cara era simplesmente o dono do lugar. Já pensou que sorte? De repente, sem mais nem menos, o dono, o gerentão cai na nossa rede. Era tudo o que a gente poderia pedir a papai do céu. Daí em diante, intensificamos o trabalho.

O verbo é trabalhar. Quando o subordinado chama o comandante pelo rádio e pergunta, "chefe, posso trabalhar o meliante?", está pedindo autorização para fazê-lo cantar, ou seja, para fazê-lo contar o que sabe. Da mesma forma que o governador autoriza o secretário de segurança a autorizar o comandante da PM, a autorizar o policial, quando lhe diz: "Faça o que for necessário para resolver o problema". O governador dorme o sono dos justos; o secretário descansa em berço esplêndido; o comandante repousa como um cristão; e o soldado, lá ponta, suja as mãos de sangue. Se der merda, o bagulho estoura no elo mais fraco, é claro. Quem paga o pato é o soldado. Quem vai a juízo é o soldado. Quem frequenta as listas das entidades internacionais de direitos humanos é o soldado. O governador é ambíguo para descansar em paz; o secretário é sutil para preservar a consciência; o comandante cultiva os eufemismos e opta pelo vocabulário enviesado para proteger a honra e o

emprego. Sobra para o soldado, que bota pra foder por dever de ofício. É curioso: a ambigüidade só pode ser cultivada nos ambientes solenes do Palácio do Governo, onde a impostura e a violência são adocicadas pela coreografia elegante da política. Quando a arena é a favela, os rituais são outros, menos sofisticados. Na praça de guerra não há espaço nem tempo para a solenidade e as ambivalências. O que era doce fica amargo, azeda e cai de podre. A gente, que atua lá na ponta da cadeia de decisões, colhe o fruto podre e faz o que pode para digerir. Por isso, talvez seja mentira dizer que só há ambivalências nos salões da corte. Elas estão por toda a parte. E estão aqui entre nós. E dentro de nós, em mim e em você.

Um modo de adaptar a ambigüidade ao terreno do combate é divertir-se com a dor alheia. Desconfio das nossas risadas. Até hoje escuto aquelas gargalhadas que a gente dava e elas me soam um pouco estranhas. Não sei mais com tanta certeza se a gente gostava daquilo e achava mesmo tanta graça. Mas a gente ria, ia fazer o quê? E procurava curtir as tarefas práticas com o máximo de criatividade. Eu, por exemplo, me orgulhava de inventar modalidades novas. Tinha noite de gala, com estréia e tudo. Um show que foi o maior barato eu denominei "Golfinhos de Miami". A estréia aconteceu justamente naquela noite. Aproveitamos a resistência do Juninho para testar a eficiência e a beleza do novo espetáculo. A idéia era amolecer aquela macheza toda com água.

Água é um ótimo condutor de energia. A idéia foi um desenvolvimento mais ou menos natural das torturas tradicionais com saco plástico e água: sufocamento e afogamento. Todo policial do BOPE sai do quartel com seu saquinho plástico, peça que já foi integrada ao kit básico. O saco serve para

pôr na cabeça do marginal, apertando bem na base, que fica amarrada no pescoço. O sujeito sufoca, vomita e desmaia. É o momento de afrouxar. É meio nojento, mas eficaz. Trabalhamos o Juninho com afinco, horas a fio. Primeiro porrada, a velha e boa porrada, que costuma bastar. Nada. Enfiamos fiapos de madeira debaixo das unhas. O animal urrava, mas não abria o bico. Foi então que me ocorreu estrear os Golfinhos. Fomos até uma caixa d'água. Retiramos dois fios da rede de iluminação pública. Mandamos o Juninho entrar na caixa e mergulhamos as pontas dos fios, uma em cada lado. Que beleza! Você precisava ver aquilo. Ele saltava com leveza e graça. Só faltava trilha sonora e um jogo de luzes. Mesmo assim, o filho da puta não cantava. Mergulhei os fios n'água muitas vezes. Acho que o marginal chegou perto do óbito, como a gente dizia.

Fui ficando nervoso e irritado. Você há de convir, já eram horas, e nada. O sangue me subiu à cabeça e comecei a atirar na caixa, até ser contido pelos colegas.

Fiquei fora de mim. Por sorte do vagabundo, a trajetória da bala sofre uma refração no meio líquido. Se não fosse isso, ele estava fodido. Salvou-se por pouco. Não sou de errar tiro.

Bati um rádio para o comandante. Contei que estávamos trabalhando o marginal havia bastante tempo, sem sucesso. Queria eliminar o vagabundo, mas tinha de ouvir meu superior, dadas as condições especiais que cercavam o caso. Ele mandou conduzir o sujeito à delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), que lida com menores. O jeito foi levá-lo. O cara estava branco feito uma folha de papel. Tinhoso. Diante da delegada, ele resmungou: "Os policiais do BOPE me torturaram", e mostrou os dedinhos roxinhos, com as unhas levantadas. A doutora delegada era uma profissional escolada e não nos decepcionou. Encarou o sujeito e emendou de primeira: "Ah, é? Coitadinho... Tá doendo, tá, filhinho? Quer que chame a mamãe, seu filho da puta?"

Se não fosse a cooperação entre os profissionais das polícias seria impossível fazer o serviço que nos compete com um mínimo de eficiência. A população reclama da gente porque acha que é muito fácil manter a ordem na cidade. Mal sabe que, enquanto o jantar está sendo saboreado em família, na frente da televisão, no conforto do lar, do outro lado, no submundo, muito sangue está correndo, o nosso e o dos vagabundos.

Olho por Olho

Força máxima: rápida, devastadora e eficaz. Esse é o lema do BOPE. Se você fosse governador ou governadora do estado do Rio, dispensaria nossos serviços ou, mesmo que não usasse nossa tropa, preferiria mantê-la disponível para pronto emprego, preparada para atuar, a qualquer momento, mesmo que fosse apenas em alguma emergência crítica? Na verdade, não me interessa sua resposta. Até porque não tenho como saber o que você está pensando nesse exato momento, mas aposto, de olhos fechados, que lá no fundo, bem no fundo, você gostaria de contar com a mão forte do BOPE para esmagar o vandalismo e toda essa praga.

Por falar em olhos fechados, acabo de me lembrar de uma história que tem a ver com isso, nas premissas táticas e nas conseqüências práticas. Era mais uma noite daquelas. Aliás, como são todas as noites da nossa tropa. O capitão Ângelo comandava a equipe, Dessa vez, o soldado Marques era o ponta — o ponta é o policial que vai à frente do grupo de assalto, abrindo passagem, indicando o caminho e passando informações por sinais. O comandante é sempre o terceiro. A favela estava quieta. Já era tarde. O plano era surpreender o grupo do Fabinho, no morro do

Limão. Tínhamos o mapa do lugar. Graças às incursões anteriores e a algumas informações elementares obtidas no interrogatório de um traficante, sabíamos onde estavam as armas e onde os bandidos costumavam se reunir para organizar o bonde, que descia para a Tijuca barbarizando.

O morro era margeado por um muro alto e longo. Nossa intenção era descer em absoluto silêncio, colados à face externa do muro e penetrar na favela pela parte baixa, a mais vigiada pelos falcões do tráfico e, portanto, a menos propícia a uma ação policial. Mas esse era justamente o motivo da escolha: sendo menos propício, o ponto seria a opção menos provável, o que significava que poderia ser, paradoxalmente, o mais vulnerável. Descíamos o morro no breu mais cerrado, pisando com cuidado, quase sem respirar. Aquele tipo de formação em fila indiana era muito arriscado. Uma falha qualquer e estaríamos fodidos. Se jogassem uma granada por cima do muro não sobraria nada do lado de cá. Os movimentos eram dirigidos pelos sinais do Marques: permanecer imóvel, avançar, acelerar, estancar. Nesses casos, o ponta age como um cão farejador. A audição também tem de estar atiladíssima. Os oito homens se movem obedecendo a uma coreografia rigorosa. A disciplina é a de uma orquestra. Com uma diferença: o mais leve deslize não desafina, mata.

Quando a gente mergulha numa procissão desse tipo, companheiro atrás de companheiro, a confiança mútua é tão importante a autoconfiança. Nada disso faltava, graças a Deus. Eu me orgulhava da destreza do coletivo e tinha fé em mim e na minha arma. Só fui descobrir o que era medo de morrer bem mais tarde, quando tive meu primeiro filho. O pavor estampado no olhar do inimigo era nosso combustível. Na verdade, era mais que isso; era nossa droga. A farda negra com a caveira atravessada pelo punhal era privilégio de poucos. Não era fácil resistir aos testes para ser admitido no BOPE, não era para qualquer um enfrentar o treinamento; assim como não era mole, depois de aprovado e admitido no Batalhão de Operações Policiais Especiais, tomar o ônibus todos os dias como um cidadão comum, chegar ao quartel como simples mortal, vestir o uniforme negro que era nosso orgulho — mas também significava uma puta responsabilidade — e transportar-se para outra dimensão, onde a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro saía de cena e era substituída pelo inferno da guerra. A faixa de Gaza convivia conosco; Bagdá era aqui: 18 mortos por dia, há vinte anos.

A cidade só tangenciava essa outra dimensão, essa outra versão de si mesma, quando uma bala perdida atravessava as fronteiras. No mais, carregava sua sombra como o peregrino traz no ombro a sua cruz, sentindo-lhe o peso e intuindo-lhe o tamanho, sem olhá-la de frente para conhecer sua forma e compreender sua natureza.

Você deve ter reparado no que eu disse: "chegar ao quartel como simples mortal". Deve ter achado meio bizarro, talvez até engraçado: "Porra, será que esse maluco está se achando um deus imortal?" Relendo o que escrevi, confesso que também achei estranho, mas resolvi deixar como está, porque saiu tão espontâneo, que retrata bem os meus sentimentos. E como o propósito é você me conhecer melhor, decidi manter. Não, não me acho nada disso; nem meus companheiros do BOPE são malucos. Mas o fato é que, quando você convive com a morte todo dia, toda noite, quando sabe que é matar ou morrer, enquanto você sobrevive, a sensação é de vitória sobre a morte, uma espécie de vôo rasante sobre o precipício. Se você quiser chamar isso de onipotência, tudo bem. Eu queria ver você passar por essa experiência. Seria interessante verificar se seus conceitos não mudariam um pouquinho. Mas tudo bem. Pode pensar o que quiser. Não vai mesmo fazer diferença. Vamos voltar à história do muro.

Seguíamos, passo a passo, evitando o barulho dos galhos secos e do mato alto, temendo cruzar com um cão vadio, fora de rota. A subida da polícia nas favelas é marcada por três sons típicos: tiros, fogos dos olheiros do tráfico e latido dos cães. Essa é a trilha sonora das incursões policiais. Em geral, a gente vai subindo e vai calando os animais. Quando o tiro é certo ele não sofre. Naquela noite não poderíamos calar os cães, porque não queríamos dar bandeira de nossa presença. Mas, se não o fizéssemos, os latidos dariam uma bandeira suficientemente ostensiva. Era um puta dilema. Portanto, só nos restava contar com a sorte. É óbvio que contemplamos esse risco quando planejamos a operação. Não somos tão imprevidentes quanto você está imaginando. O fato é que apostávamos que não haveria cães por ali. Nunca os víamos daquele lado. E, realmente, eles não apareceram. Confesso que não pensava nisso, quando descia margeando o muro.

Quando a gente se concentra numa operação de guerra, tudo muda, todos os sentidos ficam alterados. A gente não ouve praticamente nada e só enxerga o que está no foco da atenção. É o que a gente chama visão de túnel. O nome é bastante preciso. É como se a pessoa estivesse num túnel, com um único ponto de luz. O tempo gira em torno daquele ponto e fica como que congelado, talvez porque se confunde com o espaço, quer dizer, com a imagem. Não sei. Só posso lhe dizer que a gente sai desse mundo e viaja.

O universo passa a deslocar-se em câmera lenta. É como se toda velocidade do mundo fosse absorvida pelos músculos e as sinapses que mantêm o cérebro alerta. O resultado é que, no final de um tiroteio, a gente tem a impressão de que passou meia hora. Vai olhar no relógio, passaram dois, três, cinco minutos.

Algumas coisas extraordinárias acontecem, num momento como esse. Uma vez, por exemplo, eu comandava uma invasão a uma favela em Copacabana. O ponta se perdeu do resto da equipe e eu determinei que esperássemos. Estávamos numa subida estreita. Não havia viva alma. Adiante, a ruela dobrava à esquerda. Não era comum aquele silêncio, aquela quietude. Nem os cachorros latiam. Nenhum logo explodia. Eu estava determinado a avançar, Com cautela, mas avançar. Quando o cérebro já disparava o comando para as pernas, uma velhinha surgiu na esquina e desceu em nossa direção. Ela trazia uma dessas bolsas de pano, boa para fazer feira. Andava com firmeza, apesar da idade, e não mostrou nenhuma surpresa quando nos viu, encostados à parede. Ao passar por mim, sem me olhar, cochichou: "Meu filho, não sobe não. Se subir vão matar você". Não respondi. Aprendi a respeitar esse tipo de comunicação, nas favelas. É preciso ter o máximo cuidado e não manifestar qualquer reação, para que os vagabundos não percebam e se vinguem da pessoa que tenta nos ajudar. Por isso, contei até vinte e, em vez de avançar, joguei uma granada na boca da ruela, só para atrair a resposta dos traficantes e identificar sua localização e poder de fogo. A imediata e intensa fuzilaria mostrou que os bandidos estavam preparados, à nossa espera.

Comentei com o sargento Aguinaldo, a meu lado: "A velhinha salvou nossa vida. Era uma emboscada." "Que velhinha?", ele perguntou. "Como, que velhinha? A velhinha, ora bolas. Aquela senhora que passou por nós com a bolsa e sussurrou a mensagem pra mim". "Tenente", ele disse, "tenente, não teve senhora nenhuma, não teve velhinha nenhuma. Ninguém passou por aqui desde que nós chegamos. O senhor acha que uma velhinha ia passear entre dois fogos, assim, sem mais nem menos? E que, além de tudo, eu não ia ver?" Fiquei gelado. Aliás, até hoje fico arrepiado quando conto essa história.

Na visão de túnel, tudo é possível: encontros inusitados de terceiro grau com personagens irreais ou até mesmo delírios — dependendo da interpretação de cada um, posso ter ficado maluco, temporariamente, ou posso ter mantido perfeito estado mental; neste caso, fantástica não seria minha imaginação, mas a realidade. Bem, há também a hipótese de que meu parceiro é que tenha ficado momentaneamente cego pela tensão. Cego e surdo. Mas esse assunto transcende meu entendimento. Melhor voltar à favela do Turano, ao grande muro.

Pois é, estávamos ali, colados ao foco, pregados à missão pela adrenalina, passo a passo, muro abaixo, agarrados aos fuzis, prendendo a respiração. Foi uma longa caminhada. Prefiro o confronto aberto do que a expectativa. Às vezes torço para que a bomba arrebente de uma vez. Tenho a sensação de que a lenta antecipação coagula o sangue e me sufoca. A explosão do confronto fluidifica o

corpo e a mente. O sangue lava o espírito. Mais um passo, e outro, mais um, em silêncio, morro abaixo, margeando o muro. O soldado Marques levantou o braço direito. Paramos. Chegara à ponta inferior do muro. Hora de virar e começar a subir pelo outro lado, onde estaríamos muito mais expostos. Quando Marques saltou para o outro lado, deu de cara com um grupo de traficantes descendo, também margeando o muro. Eles estavam relaxados e desatentos, ainda que armados até os dentes. Não esperavam aquele encontro. Nosso ponta só precisou apertar o gatilho. Corremos para apoiá-lo, enquanto os vagabundos se dispersavam em desespero, fugindo morro acima, procurando escapar à linha de tiro. Não tiveram tempo de reagir. Tínhamos de ter acertado alguém. Não era possível que todos tivessem sobrevivido.

Subimos atrás dos marginais, atirando.

De fato, acertáramos pelo menos um deles: descobrimos um rastro de sangue e seguimos a pista. Bem acima, já na parte superior do muro, num platô, um vagabundo se arrastava. Ele corra até ali, mas as forças se extinguíam. Um de nós atirou para completar o serviço. O tiro atravessou as têmporas, de um lado a outro, em linha reta, e jogou no chão os dois globos oculares, que rolaram como bolas de bilhar. Eu me lembrei de uma cena famosa do Rei Lear, de Shakespeare, que tive de ler na faculdade. Aquele negócio de geléia viscosa saltando fora da órbita sempre me provocou náusea. Por isso, reconheço que na hora não pensei em Shakespeare porra nenhuma.

Na verdade, olhei para outro lado, sob pretexto de dar cobertura à equipe. Fiquei um pouco nervoso e pedi para executar o marginal de uma vez. Ele já estava mesmo virando monstro.

O cara vira monstro quando vai partindo desta para a melhor — no caso dos bandidos, a rota deve ser inversa; deve ser desta para a pior. Nesse momento de passagem, acontece uma espécie de metamorfose com o moribundo — para você ver que eu não sou nenhuma besta, devo lhe dizer que isso me lembra um conto do Kafka com este nome e que conta a história de um sujeito chamado Gregor Samsa, que vira barata. Não falo para me gabar, não. Seria ridículo. Falo para que você faça um juízo correto sobre mim e não se iluda com os próprios preconceitos. Na metamorfose em que o vagabundo vira monstro — como a gente diz no BOPE —, o filho da puta parece que regride, volta a ser criança e começa a chamar pela mãe. É de lascar. Assim, escrevendo, parece cômico, não é? Mas lá na favela, no teatro de operações — as narinas repletas de pólvora, pedaços de corpo espalhados pelo chão —, não tem graça nenhuma.

Foi aí que me surpreendi. Eu, não; todo nosso grupo. Capitão Ângelo não autorizou a execução. Levantou o braço. Era a ordem para não atirar. Aproximou-se do vagabundo, abaixou-se e lhe perguntou, ao pé do ouvido: "Aceita Jesus?" Repetiu, elevando a voz: "Aceita Jesus?" O infeliz disse que sim, aceitava. Fazer o quê? Até eu. Pois é isso mesmo que você está pensando: o capitão era evangélico e levava a religião tão a sério, que, quando subia as favelas em nossas incursões, dificilmente passava por uma imagem de santo sem atirar. Ele mirava, arrebatava a criatura de louça e resmungava: "Idolatria, blasfêmia." Fazia outras imprecações, mas a gente não ouvia direito.

— Capitão, porra, capitão, assim os moradores vão odiar a gente mais ainda — um de nós ousava dizer, quando ele estourava os santos.

— Não tem problema. Melhor ser odiado do que admitir o culto das imagens. Isso é coisa do demônio. Por isso é que o crime não pára de crescer.

Antes de conhecer o Ângelo, eu já tinha visto de tudo: tiro em ratazana, no quartel, tiro em cachorro, tiro em vagabundo, tiro em caixa de som de baile funk, tiro em caixa de luz — quando a gente tem visor noturno —, mas tiro em santo... era novidade.

O diabo é que a gente queria executar o vagabundo e saltar fora da favela. Era tarde e os bandidos poderiam estar se reorganizando, preparando um contra-ataque. Nós não íamos mesmo descer com o cadáver favela abaixo muito menos com um sujeito agonizante, mas ainda com força suficiente para gritar alguma bobagem, no meio percurso, e nos criar mais dificuldades. O jeito era fazer como de hábito: executar e cair fora. Ponderamos com o capitão, mas ele estava inflexível: "Não vamos matar o rapaz. Ele aceitou Jesus. Vai se recuperar."

Chamamos o helicóptero da Polícia Civil. Esse era um procedimento raro, raríssimo. Só chamávamos quando estávamos cercados, em condições especialmente sérias. Ou quando um dos nossos se feria com gravidade e a localização impedia a remoção imediata, em segurança. Mais raro ainda era usar a aeronave para remover o corpo de algum bandido. Só mesmo em situações extremas. Por exemplo, morto fosse importante, na hierarquia do tráfico, e o corpo, caso entregue aos moradores, servisse de bandeira a protestos.

O helicóptero chegou. Não podia aterrissar. Não havia espaço suficiente. As árvores impediam. O terreno era irregular. Os tripulantes jogaram a caçamba. Pensavam que o cara estivesse morto.

Quando descobriram que o vagabundo estava vivo, recusaram-se a içá-lo. Eu compreendi. No fundo, concordava com eles. Levar para quê? Deslocar uma aeronave até ali por quê? Tudo isso para salvar a vida de um marginal e levá-lo a fazer um cursinho de aperfeiçoamento em criminalidade, na penitenciária, com pós-graduação em ressentimento e ódio? Tudo isso para que ele um dia voltasse às ruas para matar e roubar?

Depois de muito bate-boca dos tripulantes do helicóptero, pelo rádio, com Ângelo e depois de algumas ameaças — o capitão parecia possuído por um espírito subitamente legalista —, levaram o vagabundo. Na noite seguinte, o hospital foi invadido e ele foi resgatado por seus comparsas. De volta à favela, cego, acabou abandonado pelos cúmplices. Já não era útil. Não durou muito. Não sei se a alma foi salva, mas o corpo não tinha mesmo muitas chances.

Justiça em Domicílio

Cássio era uma figura. Capitão Cássio. Quem não o conhecesse subindo favelas, comandando equipes do BOPE, empunhando com coragem um fuzil e se arriscando pelos companheiros, poderia ter uma impressão errada dele. A primeira vista, parecia meio arrogante, metido a intelectual, olhando todo mundo do segundo andar, com um jeitão de David Niven, aquele velho ator de bigodinho, que o Nelson Xavier ou o André Vali imitariam muito bem, se vestissem um fraque e falassem inglês com sotaque britânico. O Cássio passeava seu charme com um certo ar meio biltre, como diria meu avô; meio cafajeste, como diria meu pai. Ele estava mais para Jece Valadão do que para Charles Bronson, mas adorava um final feliz. Só que, para o réu, o final era previsível e sempre infeliz. Exatamente como nos filmes de Bronson, em que os 427 bandidos que mataram e estupraram sua filha vão sendo eliminados, um a um, pelo vingador solitário, o justiceiro das famílias ameaçadas. Vou explicar por que falei em réu.

Cássio queria ser advogado. Até aí, tudo bem. Muita gente boa da polícia sonha com um futuro melhor. Quem não quer mais prestígio, poder e dinheiro? Nada de mais. Isso é natural. Se o cara tiver uma boa base, for inteligente, estudioso, contar com o apoio em casa e não perder a disposição para atingir o objetivo, pode dar certo. Quanta gente boa da polícia não faz prova para o Ministério Público? Por que não a Ordem dos Advogados ou mesmo a Magistratura? Era um sonho legítimo do Cássio. Ninguém discute. Só que ele era uma peça.

O capitão subia as favelas levando uma cadeirinha de armar, aquela que os diretores de cinema usam. Quando chegava ao lugar que planejava ocupar, enquanto

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Elite da Tropa - Vol. 01"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).